



## **Gestão do Conhecimento: a importância de se criar e implantar incubadoras tecnológicas na cidade de Corumbá-MS**

**(Administração - Artigo Completo)**

Ivan Costa Britto (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal)

[ivancosta171@gmail.com](mailto:ivancosta171@gmail.com)

Anderson Luís do Espírito Santo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal) [anderson\\_adm@hotmail.com](mailto:anderson_adm@hotmail.com)

### **Resumo:**

O propósito deste estudo é analisar a importância da gestão do conhecimento, evidenciando como ocorre a disseminação do conhecimento, nos polos educacionais da cidade de Corumbá/MS, através de uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo utilizando a análise de conteúdo. Foram realizadas entrevistas, utilizando um roteiro semiestruturado, com um primeiro grupo, composto pelos formadores de conhecimento junto aos alunos, que atuam na UFMS/CPAN e no IFMS/Câmpus de Corumbá, e com um segundo grupo, formado pelos alunos que participam da Feira de Ciências e Tecnologias do Pantanal do IFMS/Câmpus de Corumbá. A partir da organização das informações coletadas é possível afirmar a importância da gestão do conhecimento e como as incubadoras tecnológicas são ambientes ricos de trocas, longe das salas de aula, onde ocorrem experiências enriquecedoras que favorecem a educação empreendedora. Foi identificado que existe material humano na cidade capaz de pensar e montar novas ideias e que as instituições de ensino pesquisadas estão no rumo certo, mas, todavia, ainda falta o apoio total do braço público que irá fornecer recursos financeiros e estruturais para dar suporte às incubadoras.

**Palavras-chave:** Gestão do Conhecimento. Incubadoras Tecnológicas. Empreendedorismo, Corumbá.

### **1 Introdução**

A sociedade, atualmente, mostra que o conhecimento é um importante recurso econômico para a competitividade de empresas e nações. Estas relações socioeconômicas demonstram que os países vivem neste período histórico a chamada Era do Conhecimento, sendo que as economias produtivas estão sendo baseadas no conhecimento, criando um fenômeno que, para Oppenheimer (2011), é identificado pela mudança da produção de insumos para exportação, para o desenvolvimento e produção de bens com valor agregado.

O conhecimento existente em uma organização não é facilmente negociado, imitado ou copiado por concorrentes, uma vez que o capital intelectual, que se baseiam os diferenciais competitivos, reside nos colaboradores que formam a organização. No entanto a organização que tem interesse e consegue fazer a gestão destes conhecimentos passa a utilizar as potencialidades de cada indivíduo dentro da organização, contribuindo assim diretamente no surgimento da Gestão do Conhecimento (GC).

De acordo com Sousa (2002) a GC baseia-se no propósito de que o conhecimento é a base para se atingir o poder, já que uma gestão eficaz potencializa os ativos existentes no cenário onde atua. Sendo assim, essa escalada de crescimento econômico, liderado pela inovação tecnológica, mostra que países que passaram a estruturar cadeias educacionais mais fortes e com ampla visão de inovação estão na vanguarda desse momento histórico. Exemplos disso são a Coreia do Sul, Índia e China que estão entre as maiores economias ativas do mundo.



Quando se fala em cadeias educacionais mais fortes existe a necessidade em potencializar o ensino do empreendedorismo nas universidades, incluindo novas metodologias que garantam à praticidade e o estímulo à cultura empreendedora. Para Fiala (2012):

O ensino do empreendedorismo é um assunto que vem gerando bastante discussão entre os pesquisadores e educadores. Pode-se dizer, no entanto, que há um consenso de que o empreendedorismo pode ser ensinado ou, pelo menos, encorajado através da educação empreendedora [...] Sendo assim, o foco atual das discussões sobre o tema não está mais na possibilidade de ensino, mas sim em como e com quais métodos ele pode ser ensinado [...] Nesta busca por novas metodologias para o ensino e estímulo do empreendedorismo, as incubadoras de tecnológicas aparecem como um ambiente que poderia ser explorado mais intensamente para este fim, pois as incubadoras são ambientes ricos de trocas, longe das salas de aula, onde ocorrem experiências enriquecedoras à educação empreendedora. (FIALA, 2012, p.2).

Seguindo esse entendimento, temos que as incubadoras surgem como um imponente recurso didático, devendo ser explorado pelas universidades, em vista de possibilitar aos alunos, bem como para as comunidades, a possibilidade de se potencializar os recursos existentes por meio da gestão do conhecimento, incentivando a sinergia entre as partes.

Ao expressar a importância da GC para as organizações em tempos atuais, Sousa (2002, p.21) afirma que “a gestão do conhecimento pode contribuir com a organização, colocando-a numa posição vantajosa de competitividade”. Dessa forma, as comunidades acadêmicas e científicas são detentoras do conhecimento que, muitas vezes, não rompe os “muros da instituição”, e deixa de ser aplicado no dia a dia das empresas. Disseminar esse conhecimento - por meio das incubadoras - para as empresas é algo extremamente primordial. Conhecimento é poder e este poder pode provocar mudanças em todas as dimensões da vida humana.

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Corumbá/MS, localizada na porção ocidental do Estado de Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste do Brasil), na fronteira do Brasil com a Bolívia. É uma das mais antigas do estado, possuindo contato territorial com Ladário/MS a Leste, no lado brasileiro e com Arroyo Concepción (distrito de Puerto Quijarro, da província Germán Busch, departamento de Santa Cruz de La Sierra) a Oeste, no lado boliviano. Em Corumbá são encontradas cadeias educacionais públicas e particulares. A cidade possui a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus do Pantanal (UFMS-CPAN) e o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) - Câmpus de Corumbá. Além dessas instituições, possui mais três faculdades particulares (interativas) e uma faculdade particular (presencial). As quatro instituições particulares são novas e ainda não se dedicam a pesquisa e extensão, apenas ao ensino da graduação; por isto, o cenário da pesquisa tem por base as duas instituições federais de ensino superior/tecnológico da cidade de Corumbá-MS: A UFMS/CPAN e o IFMS/Câmpus de Corumbá.

Quando se fala na importância em criar e desenvolver a GC e as incubadoras tecnológicas, o objetivo central é dar pujança ao desenvolvimento de uma região. Sobretudo, para uma região que tem necessidade de se desenvolver economicamente, em consonância com a preservação ambiental, neste caso, a preservação do Pantanal sul-mato-grossense, a maior área alagável do mundo, sendo 70% do território corumbaense formado por pantanais e, não há melhor maneira, de se desenvolver a não ser estimulando o empreendedorismo.

Assim, a criação e aplicação das incubadoras tecnológicas surgem como trampolim de desenvolvimento local, visando à ação global, é uma tendência nos países que atuam na vanguarda da inovação tecnológica e de crescimento na educação e desenvolvimento humano.

Dessa forma, o objetivo geral deste artigo é analisar a importância da gestão do conhecimento, evidenciando como ocorre a disseminação do conhecimento, nos polos educacionais da cidade de Corumbá/MS, tendo como objetivos específicos: (1) apresentar a



importância e os conceitos referentes à gestão do conhecimento, das incubadoras tecnológicas e do empreendedorismo; (2) apresentar como a transferência de conhecimento pode incentivar o desenvolvimento do empreendedorismo, por meio da criação e implantação de incubadoras tecnológicas. (3) identificar quem são os formadores de conhecimento presentes na cidade de Corumbá/MS, e a opinião dos mesmos sobre como as incubadoras tecnológicas são vetores de desenvolvimento de empresas de tecnologia para cidade.

## **2 Revisão Bibliográfica**

### **2.1 Gestão do Conhecimento**

A priori, para identificação da gestão do conhecimento, faz-se necessário o entendimento do termo conhecimento, que é identificado como uma ferramenta básica e primordial para o surgimento e o desenvolvimento de processos e tecnologias inovadoras e, que tem como objetivo, promover o diferencial competitivo entre as empresas no mercado atual.

Terra (2000), afirma que os conceitos sobre o conhecimento são discutidos desde a antiguidade, quando os primeiros filósofos debatiam sobre os princípios de razão, ideia e conhecimento. “Aristóteles, Platão e Sócrates foram os principais colaboradores para o surgimento inicial de um conceito sobre conhecimento, no qual, se relacionava ao uso crítico da razão para se estabelecer um conhecimento adquirido” (TERRA, 2000, p.32).

Segundo Nonaka & Takeuchi (1997), o conhecimento pode ser desmembrado em Conhecimento Tácito e Conhecimento Explícito. O conhecimento tácito é o conhecimento altamente pessoal, informal e subjetivo, baseado na percepção dos usuários e é muito difícil de ser documentado. Diferentemente, tem-se o conhecimento explícito, que pode ser oficializado na forma de normativos, manuais, interface de informações.

O conceito de conhecimento foi sendo desenvolvido de forma gradativa, ao longo dos anos. O conceito mais atual é de que “a informação é a base para o conhecimento e que este é uma ferramenta indispensável no mundo das organizações” (TERRA, 2000, p.33). A informação se transforma em conhecimento se for capaz de materializar-se do campo tácito (das ideias) para o campo explícito (externo), seja esse conhecimento em um manual, ou em um processo. Esta divisão, aplicada pelos autores Nonaka e Takeuchi (1997), corresponde ao campo tácito, que identifica o conhecimento dentro do saber de cada indivíduo, podendo ser tratado como *know-how*; e ao campo explícito, que ocorre quando esse conhecimento é repassado à outra pessoa por meio de métodos comuns de ensino, representando assim, a formalização do conhecimento.

Ainda sobre a informação, os autores supracitados, trazem uma visão diferenciada sobre a interpretação das informações no desenvolvimento do conhecimento, fazendo com que o conhecimento seja um agente modelador dentro das organizações. Afinal, cada indivíduo carrega uma bagagem pessoal relacionado ao desenvolvimento de crenças próprias.

Sobre o conhecimento, Peter Drucker (1981) vislumbra, sobre a sociedade atual, um cenário que não seria nem capitalista e nem socialista, mas sim pós-capitalista ou uma sociedade em rede, no qual o conhecimento seria o principal fator gerador de riqueza para a sociedade. Portanto, tratar o conhecimento como vetor de desenvolvimento é fator chave na ampliação dos diversos setores econômicos de uma nação.

Devido a sua importância para as organizações, o conhecimento deve ser conduzido do modo mais adequado, visto que, para um melhor aproveitamento, “o conhecimento necessita de um



ambiente propício para se desenvolver, sendo entendido que este conhecimento necessita ser aprimorado para a sua evolução” (TERRA, 2000, p.35). Logo, o tratamento do conhecimento deve ser feito entre pessoas que correspondem ao desenvolvimento da aplicabilidade e transferência do mesmo, para que o saber seja executado e faça a transformação do campo tácito para o explícito, proporcionando dessa forma a demonstração dos conceitos apresentados anteriormente.

Sobre o processo de transferência do conhecimento, este é determinado pela explicitação do saber, que é identificado pela troca e compartilhamento de conhecimentos das pessoas que executam alguma tarefa ou pensam em prol de um objetivo estabelecido. Essa transferência pode ser realizada de uma forma sistemática, com base em treinamentos desenvolvidos a partir de manuais existentes, ou embasado pelas experiências próprias, baseado nos desenvolvimentos pessoais de cada indivíduo.

Todavia, segundo Sanchez & Heene (1997), pesquisas apontam que a disseminação do conhecimento realizada de forma sistemática (por meio de treinamentos e manuais sistematizados), dentro dos recursos humanos das organizações, não é de grande valia para o desenvolvimento de material intelectual para a estruturação do conhecimento, e assim, dar suporte a uma futura gestão do conhecimento.

As organizações possuem diversos conhecimentos difundidos por todos os membros de sua equipe. Contudo, existem diversos conjuntos de conhecimentos pertencentes aos indivíduos, ou às áreas funcionais, que não são disseminados para toda a organização, ou, quando disseminados, não são feitos da melhor maneira possível. Logo, é necessário que todo o conhecimento estocado da organização seja passível de transferência.

A transferência do conhecimento não ocorre de forma linear, como o correr de um rio, que sempre flui de maneira contínua. De acordo com Alvarenga Neto (2008), alguns fatores podem influenciar o processo de transferência do conhecimento, como; (1) tempo (identifica como ocorre à suficiência na realização das tarefas e no desenvolvimento de novos conhecimentos), (2) linguagem (analisa como a transferência é realizada, não podendo haver falhas de comunicação) (3) confiança (entre os colaboradores da equipe visando um melhor relacionamento pessoal) (4) poder (gerenciamento do poder já que, ao transferir conhecimento, pode ocorrer a perda de influência, superioridade, respeito profissional e segurança no emprego).

Para que seja aplicado na sua melhor maneira, esses fatores devem ser considerados durante o processo de transferência do conhecimento, para que haja o desenvolvimento e a consolidação de equipes empreendedoras, capazes de disseminar todo conhecimento aplicado à área em que esta sendo utilizada. Neste ponto, ganha destaque a GC, elucidada por Alvarenga Neto (2008, p.12), como a capacidade de “absorção tanto da organização como dos colaboradores da mesma, depende de atividades de interação/extensão sociotécnicas, promovendo bases de conhecimento sobrepostas proporcionando a evolução do conhecimento na organização”.

O termo Gestão do Conhecimento (GC) surgiu inicialmente nos estudos de Nonaka e Takeuchi em 1991. Estes estudos foram realizados em organizações japonesas, as primeiras que documentaram e executavam a gestão do conhecimento para se tornarem exemplos de inovação tecnológica e operacional nas suas respectivas áreas de atuação, como o desenvolvimento de inovações e atualização de processos. A partir desse trabalho, autores consagrados da Administração Contemporânea, como Peter Drucker e Peter Senge, foram ao oriente descobrir como o funcionamento desse processo influenciava a relação estratégica, ao que atinge essas instituições, que tinham diferenciais competitivos em relação às do ocidente.

Esses estudos identificaram a GC como um conceito de criação contínua de conhecimento e



desenvolvimento de novas ideias, além de melhoria dos processos existentes, já que o conhecimento é amplamente utilizado no meio empresarial para a inovação em processos, produtos, serviços, tecnologias e sistemas.

Para Davenport e Prusak (1998) a GC é a soma dos processos de criação, disseminação e utilização de todo conhecimento, sendo próprio do indivíduo ou repassado por meio de treinamentos pela organização, para que, através deles, a organização atinja os objetivos estabelecidos anteriormente. Terra (2000) visualiza a GC como um caráter universal e que deve ser aplicado a todas as empresas das mais diversas nacionalidades. Para o autor, trata-se de um requisito básico para a criação de novos modelos organizacionais.

Portanto, o conceito de GC parte do princípio que todo conhecimento pode ser criado, desenvolvido e melhorado a partir do conhecimento existente dentro de cada indivíduo. Que é utilizado no processamento das atividades organizacionais a fim de garantir que os objetivos de desempenho estabelecidos.

A GC passa a ser considerada como um conglomerado de atividades relacionadas aos diversos setores das organizações, sendo ligada diretamente a Pesquisa & Desenvolvimento (P&D). De acordo com Alvarenga Neto (2008), a GC incorpora as diversas rotinas gerenciais com o inter-relacionamento das áreas, nomeando assim, a GC como área guarda-chuva das estruturas corporativas.

Para as organizações que queriam adotar a metodologia da GC em sua estrutura, baseado em Senge (1990) é necessário identificar os moldes da GC para a sociedade a fim de definir uma nova cultura, “visando uma proposta de pensamento inovador, que evidenciada pelo diferencial competitivo que os outros países têm com relação ao ensino e a cultura socioeconômica”. (SENGE, 1990, p.47). Dessa forma, compreende-se, que os países desenvolvidos (e que atualmente dominam a GC) criaram estruturas organizacionais focada na formação do capital intelectual. O capital intelectual é interpretado como o principal recurso organizacional e, para tanto, deve ser gerido eficientemente por meio das metodologias da GC, a fim de promover o verdadeiro diferencial competitivo das organizações, estimulando a criação de produtos e serviços criados a partir de ideias inovadoras.

## **2.2 As Incubadoras Tecnológicas e o Empreendedorismo**

As incubadoras são mecanismos desenvolvidos para oferecer suporte aos empreendedores na criação e desenvolvimento de novos negócios, além de ser, também, uma ferramenta no processo de aprendizagem e aprimoramento de uma educação empreendedora. Estas surgem com o objetivo de proporcionar um melhor gerenciamento da GC. Segundo Lopes et. al., (2010, p.19), “as incubadoras são ambientes ricos em aprendizagem, longe das salas de aula, assim dando liberdade para experiência *in loco* ao desenvolvimento educacional”. Por meio de uma variedade de serviços para organizações nascentes, as incubadoras procuram oferecer infraestrutura organizacional tanto com *know-how* intelectual, quanto em gestão estratégica, com o objetivo de acelerar o desenvolvimento e ampliar os potenciais competitivos de novas empresas.

Para Alvarenga Neto (2008), as incubadoras têm um papel importante para a sustentabilidade do desenvolvimento econômico, reafirmando assim, a relevância fundamental do conhecimento para a inovação tecnológica e, por consequência disso, a geração de riquezas para o desenvolvimento local. Os autores ainda afirmam que as incubadoras estão divididas em quatro tipos: (1) as de base tecnológica (são espaços que abrigam os empreendimentos



fundamentados na tecnologia); (2) as tradicionais (que incubam organizações de setores tradicionais da economia) (3) as mistas (que aceitam tanto empreendimentos tecnológicos quanto os setores tradicionais) (4) as sociais (que atingem cooperativas e associações populares).

De acordo com um estudo realizado em 2016 pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC), em parceria com SEBRAE, o Brasil tem 369 incubadoras em operação, que abrigam 2.310 empresas incubadas e 2.815 empresas graduadas, gerando 53.280 postos de trabalho. O faturamento das empresas apoiadas por incubadoras ultrapassa os R\$ 15 bilhões. Em 2011 a ANPROTEC divulgou que era de 2640 e que, naquela época, o faturamento estava em torno de R\$ 4 bilhões. Ou seja, em 05 anos, a partir das incubadoras, as empresas tiveram um aumento de R\$ 11 bilhões, o que justifica e elucida, ainda mais a importância de se gerenciar e disseminar o conhecimento.

Essas incubadoras atendem a todas as fases do processo de criação de um negócio desde a geração de ideias até a operacionalização da produção em larga escala. As tecnologias desenvolvidas, por meio das incubadoras, podem ser utilizadas nos mais variados ramos, desde a agropecuária, indústria até o setor de serviços, uma vez que estes se utilizem de tecnologias para serem realizados. Assim, Alvarenga Neto (2008) destaca que esses parques tecnológicos atuam como promotores da cultura de inovação, de competitividade e da capacitação empresarial, fundamentados na transferência de conhecimento e tecnologia, com o objetivo de incrementar a produção de riqueza de uma determinada região.

Referente ao processo de incubação, que pode acontecer dentro de qualquer uma das 04 tipos de incubadoras supracitadas, tem-se que o processo de incubação é compreendido, por Fiala (2012), como uma metodologia de operacionalização, já que apoia e oferece suporte à criação e desenvolvimento das empresas e dos parques tecnológicos que trabalham nesse papel de dar funcionalidade aos negócios idealizados a partir dessas incubadoras. Neste processo, a incubação é percebida como um suporte básico para o desenvolvimento dos empreendimentos.

Para Dornelas (2014), o processo de incubação é compreendido por três fases: (1) a pré-incubação (onde ocorre a origem da ideia do negócio; realizam-se as provas de conceito sobre o negócio; formulação do plano operacional e, finalmente, cria-se a empresa de forma legalizada); (2) a incubação (caso o empreendimento seja funcional, ele será incubado visando cumprir os objetivos de desenvolvimento e execução definidos na fase anterior. Nesta fase inicia-se o desenvolvimento de capacidades no plano da gestão [capacitação administrativa] e do desenvolvimento tecnológico [capacitação técnica]); (3) fase de desenvolvimento empresarial. (esse estágio serve para a incubadora orientar a viabilidade da organização criada e incubada no mercado de concorrência, visando sua sustentabilidade nesse ambiente).

Essas etapas, segundo Dornelas (2014), são determinantes para que o empreendimento tenha base e consiga sobreviver no mercado, portanto, essas fases são fundamentais para que a ideia seja criada e desenvolvida. Todavia, esse processo, como um todo, não é uma receita pronta, pois as ações desenvolvidas para cada negócio podem mudar conforme as necessidades específicas de cada projeto. Cada projeto incubado é norteado pelas mesmas fases citadas, para que, no fim, possam oferecer base de sustentabilidade para a organização recém-criada.

Destarte, para que todo o processo de incubação aconteça é necessário que toda estrutura do projeto tenha aporte de conhecimento para o desenvolvimento de novas ideias e melhorias das ideias existentes. A partir do processo de evolução tecnológica e científica da sociedade, a educação passou a ser elemento fundamental para a continuidade do processo de desenvolvimento socioeconômico de uma região, além de garantir um nível de cultural maior



para a população local.

Fernandes (2003) afirma que todo o processo de transformação, de qualquer caráter, seja ele social, cultural e/ou econômico, tem relação com o nível atual da globalização que o planeta se encontra. Essas transformações são confirmadas pelas rápidas mudanças, que ocorrem nos mais variados setores da sociedade que, atualmente, vivem um ambiente transitório, instável e totalmente dinâmico.

As tratativas de uma iniciação científica para jovens, ainda em fase escolar, são verdadeiras ferramentas que impulsionam a geração de ideias, bem como de futuros empreendimentos. Fernandes (2003) apresenta inúmeros exemplos vindo de países que utilizam a iniciação científica, como ferramenta de desenvolvimento socioeconômico, citando casos, como o de Bill Gates, fundador da Microsoft, que começou a programar sistemas eletrônicos ainda no ensino médio. Exemplos como este são verdadeiras fontes de afirmação que o processo de iniciação científica gera um diferencial qualitativo para esse tipo de investimento visando o fomento educacional, motivando o empreendedorismo.

Para Oppenheimer (2011) uma das formas de se garantir este tipo de diferencial é focar os investimentos na educação como um todo, visando além do conhecimento tradicional, comum a todas as escolas, o conhecimento técnico que passaria a fazer parte do cotidiano acadêmico desses estudantes. Oppenheimer (2011) utiliza-se deste princípio para basear a premissa de que a sociedade ainda não possui conhecimento científico-tecnológico e que, na atual dinâmica social vinculada aos avanços tecnológicos, baliza a ideia de que o compartilhamento desses conhecimentos é fundamental para garantir a democracia socioeconômica, uma vez que, incluindo essas novas perspectivas, é possível transformar a sociedade na qual foi empregada.

E qual é o objetivo de tanto esforço, desde o gerenciamento do conhecimento, a incubação das ideias e dos investimentos em incubadoras tecnológicas? O objetivo de tudo isso é estimular o empreendedorismo, termo utilizado pelo economista Joseph Schumpeter, em 1950, para referenciar uma pessoa com criatividade e capaz de fazer sucesso com inovações. O empreendedorismo foi explicado por Schumpeter (1945) em sua obra Teoria do Desenvolvimento Econômico, que explica os fundamentos do conceito de empreendedorismo, cuja ação de figuras empreendedoras leva a criação de novos produtos e serviços por meio de combinações mais eficientes dos vetores de produção e/ou à utilização de inovações tecnológicas para esse fim.

O empreendedorismo, segundo Drucker (1981), é uma plataforma essencial para a geração de riquezas dentro de uma organização, ou mesmo de uma nação, promovendo assim o crescimento econômico e melhorando as condições de vida da população. Grandes exemplos que reafirmam esses conceitos estão diretamente relacionados os pioneiros da alta tecnologia no Vale do Silício, no estado da Califórnia (oeste dos Estados Unidos), região na qual se desenvolveu empresas de garagem que se tornaram gigantes do mercado na qual competem como a Microsoft, Oracle, Google e, um exemplo mais atual, a rede social Facebook.

Baseado em Schumpeter (1945), Drucker (1981) e em Oppenheimer (2011), compreende-se que os empreendedores são criadores de valores. A promoção do espírito empreendedor e da inovação já não é uma opção para as nações. É uma necessidade primordial que direcionará o desenvolvimento socioeconômico dos países. Para tanto, é necessário que o empreendedorismo seja estimulado. Dessa forma, cabem as universidades, bem como aos governos centrais, estimular o ensino do empreendedorismo. Um assunto que vem gerando bastante discussão entre os pesquisadores e educadores. No mundo atual, torna-se necessário, que as instituições de ensino superior, formulem seus projetos pedagógicos com base nos



novos paradigmas educacionais e no desenvolvimento de habilidades e competências que culmine com o estímulo a práticas empreendedoras.

### **3 Procedimentos Metodológicos**

Este estudo foi estruturado com uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Visando buscar uma maior validade e confiabilidade nos resultados, utilizou-se o uso de distintas fontes de informação para a construção da triangulação das fontes. A análise da pesquisa deu-se através das técnicas de análise de conteúdo.

O uso da pesquisa qualitativa tem crescido no curso de Administração. Contudo, para a sua melhor utilização faz-se necessário considerar a validade e a confiabilidade. Dessa forma, foi utilizada a triangulação metodológica durante a pesquisa exploratória: (1) levantamento bibliográfico, visando atingir ao primeiro objetivo específico, foi considerado os autores celebres sobre as três palavras-chave desse artigo (GC; inovação tecnológica e empreendedorismo). Assim, têm-se as obras de Peter Drucker; Peter Senge; Nonaka e Takeuchi; Joseph Schumpeter e Oppenheimer. (2) análise de pesquisas já realizadas e (3) trabalho de campo, com a aplicação de entrevistas junto à população de pesquisa.

A pesquisa descritiva foi realizada por meio da aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturado. As entrevistas aconteceram na cidade de Corumbá-MS e, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não houve uma preocupação com a quantificação da amostra. Buscou-se uma “abordagem interpretativa, construtivista e até pós-modernista” (TAKAHASHI, 2013, p.51). Para tanto, a população da pesquisa foi identificada por meio de uma abordagem não probabilística por conveniência sendo considerada a técnica da bola de neve (onde os participantes iniciais podem indicar novos participantes que por sua vez indicam novos participantes até que seja alcançado o objetivo proposto).

De tal modo, a população desta pesquisa foi dividida em dois grupos, cada qual, com um roteiro de entrevista específico. O primeiro grupo foi formado por 6 pessoas identificadas como os formadores de conhecimento junto aos alunos para que os mesmos se desenvolvam e criem novas formas e plataformas de aprendizado que poderão ser aplicadas em benefício da sociedade. Neste caso, representado pelos professores, coordenadores de curso e diretores dos campi. Já a população do segundo grupo, foi formada pelos estudantes do curso de Desenvolvimento de Software do IFMS/Câmpus de Corumbá e que participam da Feira de Ciência e Tecnologia do Pantanal de Corumbá (FEICIPAN). Foram entrevistados os 52 projetos apresentados na edição 2014 da FEICIPAN. Por conveniência, foram selecionados para apenas as falas dos 03 projetos vencedores da feira na edição de 2014. Não foram entrevistados alunos da UFMS/CPAN visto que, a incubadora da UFMS/CPAN ainda está em fase de elaboração/implantação.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo. Os depoimentos foram mantidos bem próximos da fala original, corrigindo apenas os tempos verbais e expressões equivocadas da língua portuguesa. Teve-se a preocupação de manter o sigilo dos entrevistados de modo que serão representados, neste artigo, como E.1. (para o Entrevistado 1; E.2., E.3., e sucessivamente para os demais entrevistados).

### **4 Apresentação e Análise dos Resultados**

#### **4.1 Experiências da Implantação de Incubadoras**

Antes de apresentar os resultados que identificaram quem são os formadores de conhecimento



presentes na cidade de Corumbá/MS e a opinião dos mesmos sobre como as incubadoras tecnológicas são vetores de desenvolvimento de empresas de tecnologia para cidade, faz-se necessário evidenciar experiências de incubação, que deram certo e como a transferência do conhecimento pode incentivar o desenvolvimento do empreendedorismo.

O referencial teórico deste estudo foi apresentado visando fomentar o quanto às incubadoras podem dinamizar os fatores socioeconômicos. Este tipo de empreendimento evoca investimentos por parte do governo, principalmente, nas instituições de ensino que poderão desenvolver uma cultura empreendedora.

As experiências de incubação, segundo Furtado (1995) acontecem com frequência desde 1970, quando o Vale do Silício, nos Estados Unidos, tornou-se um polo de desenvolvimento empresarial de tecnologias ligadas às áreas da computação e das comunicações. Este local se tornou polo por ser estrategicamente localizado próximo a extrações de silício e de empresas de equipamentos de tecnologia. Esta situação só foi mudada quando este tipo de empreendimento foi transferido para outras regiões, como a Europa e o Japão, visto que, nestes países, os polos estavam mais próximos de entidades de ensino que forneciam capital intelectual para o desenvolvimento dessas incubadoras, e não próximo das matérias primas.

O Brasil se encaixa em diversas experiências de incubação significativas, como formas de garantir o alcance de um patamar mais elevado no desenvolvimento de tecnologias. Lopes et. al. (2010), destaca que algumas cidades brasileiras estão se tornando polos atrativos para empreendedores e, em sua grande maioria, estão situadas no eixo sudeste e sul do país. Como exemplos, tem-se o Polo de Alta Tecnologia de São Carlos, um polo de estrutura formal, que coordena pelo menos 50 empresas que atuam nos mais diversos setores tecnológicos. Neste polo, as empresas nascentes utilizam a mão de obra qualificada que é formada pelo centro de ensino técnico e superior da região, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Entretanto, segundo Furtado (1995), as incubadoras brasileiras não se dividem quanto ao tipo de incubação (Mistas, de Bases Tecnológicas e Tradicionais). Esta situação fica mais clara quando citamos o exemplo do Núcleo de Iniciação Empresarial (NIE), projeto desenvolvido e mantido pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). O NIE tem por objetivo fornecer a assistência temporária a empresas nascentes de qualquer natureza, sejam elas baseadas na inovação tecnológica, ou ainda, baseada em setores tradicionais da economia. Outro exemplo, de que as incubadoras brasileiras, na maioria das vezes, não se dividem quanto ao tipo de incubação, é recente e acontece com o projeto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) denominada de Pantanal Incubadora Mista de Empresas (PIME). A PIME tem como característica principal o fomento de suporte inicial para empresas, como espaço físico e cursos de capacitação a fim de entregar a empresa incubada uma gestão saudável para que sua maturação no mercado seja mais precisa.

No Brasil, além das incubadoras, ainda destacam-se as feiras científico-tecnológicas que estão aumentando no país, disseminando a importância da iniciação científica, devido, principalmente, ao apoio de organizações privadas que financiam o projeto dos alunos, bem como, às agências de fomento do Governo Federal. Essas feiras são espaços onde os estudantes apresentarem suas ideias, que poderão contribuir com o conhecimento e a evolução no mundo das ciências, promovendo assim a cultura empreendedora e outras ferramentas de desenvolvimento intelectual.

Algumas feiras brasileiras, que merecem destaque, são a FEBRACE (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia) realizada pela USP (Universidade de São Paulo) para estimular o jovem estudante a se tornar um cientista desenvolvendo novas tecnologias para utilização na sociedade; e a FICIENCIAS (Feira de Inovação das Ciências e Engenharias) realizada pela



UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) tem por objetivo mostrar os níveis de maturidade dos projetos de jovens cientistas nacionais e internacionais, já que conta com a participação de instituições de ensino de países como a Argentina e o Paraguai. Com propostas voltadas com o desenvolvimento socioeconômico da região, com aplicações locais visando à replicação dos projetos no mundo inteiro.

Outra feira que merece destaque é a Feira de Ciências e Tecnologias do Pantanal (FEICIPAN), realizada pelo IFMS/Câmpus de Corumbá desde 2012. O objetivo dessa feira é mostrar para a população da região em que nível estão os projetos tecnológicos desenvolvidos no Câmpus, além de também receber projetos feitos por outras entidades educacionais públicas e particulares da cidade de Corumbá/MS.

Um exemplo local de incubadora é a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do Pantanal e da Fronteira (ITCPPF), ainda em fase de implantação, terá sede na UFMS/Câmpus do Pantanal, na cidade de Corumbá, e que conta com o apoio e expertise da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFMS - ITCP/UFMS, como incubadora madrinha, localizada na cidade de Campo Grande/MS. O objetivo da ITCPPF é promover o desenvolvimento local por meio do suporte tecnológico dos projetos inseridos dentro do meio incubado, esses projetos são identificados como Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) sendo eles: a Associação de Moradores da Comunidade Antônio Maria Coelho (AMC), a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento 72, a Associação dos Apicultores da Agricultura Familiar de Corumbá- AA AFC/MS e, a Associação de Produtoras Artesanais de Biomantas de Taboa - Mulheres de Fibras. Esta incubadora tem como diferencial a busca dos recursos externos para continuidade dos projetos, bem como ser usada como prática de extensão acadêmica do Câmpus, utilizando a mão de obra qualificada dentro da universidade, pois, a abrangência desse projeto, é de inserir todos os conglomerados populacionais que cercam o Câmpus desde a sua extensão rural, urbana e o lado fronteiriço junto da Bolívia. Esta incubadora tem por necessidade a aplicabilidade local para desenvolvimento de negócios e ferramentas que melhorem a qualidade dos produtos produzidos nessas áreas com o objetivo do crescimento socioeconômico.

Ao analisar o objetivo das incubadoras e feiras apresentadas, compreende-se que a característica fundamental dos projetos será a melhoria da qualidade de vida, pensada em múltiplas dimensões das pessoas envolvidas. Importa buscar e estimular o empreendedorismo, bem como o ganho de poder do grupo, elevação da autoestima, construção de força política na escala do território, o estímulo ao resgate cultural e os cuidados com o ambiente.

#### **4.2 Os formadores de conhecimento presentes na cidade de Corumbá/MS**

Para um melhor desdobramento das informações analisadas através das entrevistas, iniciaremos apresentando o resultado do primeiro grupo, identificado por Lopes et. al. (2010), como os formadores de conhecimento junto aos alunos.

Desse modo, E.1, diretor de um Campus da cidade, repassa uma visão humanística do desenvolvimento científico-tecnológico tanto no Câmpus, quanto na cidade em si. Quando questionado sobre a “gestão do conhecimento e o desenvolvimento do perfil acadêmico” de forma geral o diretor identifica a gestão como plataforma de crescimento para uma melhora contínua no aprendizado dos alunos e, assim, garantir uma base sólida para a inclusão do perfil empreendedor em cada acadêmico: “Identifico assim que a GC e a inovação tecnológica se apresentam como um importante vetor de desenvolvimento para a cidade, uma vez que os conceitos sejam abordados e aplicados na sua melhor forma [...] é garantir aos acadêmicos o livre acesso ao conhecimento e a novas tecnologias a fim de tornar mais fácil a prática do



empreendedorismo na academia” (E.1.). A visão de E.1. vai de encontro com a afirmação de Oppenheimer (2011) que defende a aplicação da educação empreendedora desde o início da vida escolar de cada cidadão para o melhor aproveitamento do material intelectual de cada indivíduo.

E.1. ainda cita que está sendo implantado, dentro do próprio Câmpus, uma plataforma de desenvolvimento de ideias e negócios chamada de “Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do Pantanal e da Fronteira”. Ela traz uma plataforma de desenvolvimento social para a aplicabilidade em negócios locais. Ainda em fase experimental, o projeto conta com quatro associações locais rurais que estão ganhando corpo político-administrativo para a continuidade dos empreendimentos sociais.

Citando ainda a incubadora, E.1. retrata que, por enquanto, a incubadora só vai atuar nesse segmento até criar *know-how* próprio e, então, conseguir dar suporte as necessidades sociais e de pesquisa que cheguem até a incubadora. “Em um futuro próximo, a ideia é que a incubadora possa estar incubando centros de desenvolvimento científico aplicados aos projetos desenvolvidos dentro da universidade para suprir necessidades locais e globais, uma vez que as incubadoras sejam exemplos de inovação e consigam ser rapidamente replicados em vários pontos, já que a universidade tem esse objetivo de levar o conhecimento para a sociedade”, relatou E.1.

Assim como Lopes et. al., (2010), E.1. também considera as incubadoras como uma grande estrutura de desenvolvimento de ideias nas quais os alunos têm uma vivência prática naquilo que estão se formando. Para ele, a manutenção da incubadora como celeiro de conhecimento passa pelo uso dos acadêmicos, principalmente aqueles que possam servir de mão de obra para os projetos ali desenvolvidos. Elenca, ainda, que todos os cursos podem ser utilizados no processo de criação e aperfeiçoamento das ideias ainda em fase de validação. Entretanto, ele indica que o tempo de maturação da ideia é o principal componente no progresso dos projetos, uma vez que os prazos determinados pelos editais das entidades de onde proveem os recursos – tanto do CNPq quanto de outros fundos ligados à pesquisa e extensão – são cumpridos a risca e tem cada vez mais peso na escolha dos projetos a receberem verba. Dessa maneira, E.1. ressalta que o fator tempo é um item crítico e primordial para o prosseguimento dos projetos,

A segunda entrevista aconteceu, também, com um diretor de Campus da cidade. E.2. cita que a gestão do conhecimento é de vital relevância para a manutenção e desenvolvimento de uma incubadora, já que todas as informações e dados históricos estão sendo usadas para dar suporte ao progresso de novos estudos e viabilidades de desenvolvimento socioeconômico, citando que “a inovação é resultado do bom funcionamento do ciclo virtuoso baseado na educação”, essa afirmação vai ao encontro de Davenport e Prusak (1998), quando cita que todo desenvolvimento tecnológico, social e econômico tem por base o investimento eficaz em setores primordiais para o progresso da sociedade de modo geral, sendo o principal setor de investimento a educação em toda sua estrutura funcional e organizacional.

Quando perguntado sobre o desenvolvimento de uma incubadora, E.2. relatou que existe ainda, em fase de aprovação, a criação de um hotel tecnológico que tem um modelo de funcionamento diferente da incubadora, mas que tem o mesmo objetivo no desenvolvimento de um projeto. O hotel visa o desenvolvimento do produto para uso de pesquisas internas e a incubadora visa uma utilização para o mercado externo. Além disso, E.2. aponta que o desenvolvimento de uma incubadora nessa região seria de vital benefício para os acadêmicos que gostariam de continuar a seguir com projetos no decorrer do curso. A incubadora também garantiria a cultura empreendedora na cidade e, assim, manteriam as pessoas ligadas aos



projetos ativos e criativos, favorecendo diretamente o empreendedorismo local, garantindo e validando os ideais da incubadora como agente estimulador de inovação.

Tanto E.2, quanto E.1. acreditam que a comunicação entre os braços político e econômico do poder público e do poder privado são de necessidade básica para prosseguimento das atividades de uma incubadora local, uma vez que o ciclo indicado por eles seria iniciado pelos problemas ou necessidade de novas soluções e ideias das empresas no desenvolvimento de produtos ou serviços e passaria pelos laboratórios da incubadora. Tudo isso seria possível, pois os investimentos do poder público em educação fomentariam esse tipo de atividade acadêmica. E.2. indica que na cidade esse relacionamento (poder público – privado) ainda é muito complicado.

E.2. destaca que seu Campus já apresenta alguns projetos de desenvolvimento de sistemas e novas tecnologias, a fim de transformar o conhecimento em produtos para inovação tecnológica. Esses projetos serviram de base experimental para o desenvolvimento de uma feira de ciências local, a FEICIPAN, já descrito anteriormente neste artigo.

O terceiro entrevistado (E.3.) é coordenador de curso de graduação da cidade (curso de Sistemas de Informação), que destaca que o cenário local é um ambiente favorável para o desenvolvimento de projetos ligados a inovação. Essa situação, para E.3., é fomentada pelos próprios acadêmicos que estão buscando cada vez mais uma melhor qualificação e uma boa base prática no desempenho dos seus projetos, visando uma aplicabilidade direta para o mercado. Todavia, E.3. relata que existe um gargalo no desenvolvimento dos projetos. Esse gargalo é relacionado ao tempo e ao acúmulo burocrático no registro das patentes, “pois o processo de aprovação pode tramitar por oito anos até o registro total” (E.3.).

Sobre o desenvolvimento da incubadora dentro da universidade, E.3. relatou que faz parte da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do Pantanal e da Fronteira, e está responsável pelo lado operacional e do processo de criação e desenvolvimento de soluções tecnológicas dos projetos incubados.

A quarta entrevistada (E.4.) é uma professora de empreendedorismo de um Câmpus da cidade. Para ela, as ferramentas de GC estão gerando uma sociedade mais intelectualizada e com um capital humano mais valioso, desenvolvendo a competitividade que é vivida no mercado externo. Destacou que a GC favorece esse tipo de situação, pois existe uma busca constante pelo resultado mais eficiente na operação e na produção tanto dos serviços quanto dos produtos ofertados. Essa situação beneficia o ciclo total de desenvolvimento socioeconômico, já que a cidade terá mais oportunidades de emprego tanto direto quanto indireto, gerando mais impostos e mais renda, melhorando deste modo a qualidade de vida local. A fala de E.4. pode ser relacionada às ideias de Souza (2002) que se refere ao conhecimento como base para se atingir o poder, ou seja, uma gestão eficiente do capital intelectual potencializa os ativos existentes no cenário onde atua.

A duas últimas entrevistadas, respectivamente, (E.5 e E.6) são professoras do curso de Administração de um Campus da cidade. Para E.5. a incubadora é uma grande oportunidade de exploração de potencial empreendedor dos alunos em relação à pesquisa e ao desenvolvimento de novos projetos e empreendimentos que promovam a aproximação da universidade junto à sociedade local. E.5. salienta a importância de uma incubadora local no tocante a estimular potenciais empreendedores a colocarem em prática suas ideias. Já E.6. também exalta a importância das incubadoras e relata os inúmeros benefícios das incubadoras, dentre eles, a possibilidade dos estudantes desenvolverem comportamentos empreendedores, aprendendo na prática e na vivência, trocando experiências e se tornando efetivamente



empreendedores. Assim sendo, retrata que a importância de uma incubadora local é prover toda estrutura para o nascimento e a potencialidade de novos empreendimentos.

No encerramento dessa etapa da pesquisa, com o primeiro grupo, fica evidente que Corumbá possui formadores de conhecimento e que a opinião dos mesmos sobre como as incubadoras tecnológicas, apontam que esta são vetores de desenvolvimento de empresas de tecnologia para cidade. Para, além disso, todos os entrevistados destacaram a importância das incubadoras tecnológicas como ferramenta para o ensino do empreendedorismo e do gerenciamento do conhecimento existente nas IES da cidade de Corumbá/MS.

A segunda fase das entrevistas foi realizada com os alunos participaram da Feira de Ciência e Tecnologia do Pantanal de Corumbá (FEICIPAN), iniciando assim com E.7, estudante do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas no IFMS. Sua pesquisa é baseada no modelo gerencial de um banco de dados de recursos humanos. O início da ideia aconteceu pela curiosidade do mesmo com a manipulação de dados e do gerenciamento de informações para melhor aplicação das capacidades técnicas de cada indivíduo.

Quando perguntado sobre aplicabilidade do seu projeto em uma empresa, ele ressaltou que considera seu projeto rentável a médio e longo prazo, uma vez que o aluno teria que moldar a base de dados a serem informados para melhor aplicabilidade do gerenciador desenvolvido pelo acadêmico. Considerando sobre o nível do seu projeto, ele demonstra que seu software está maduro o suficiente para implantação no mercado. Para E.7 isso só foi possível graças ao nível de comprometimento dele e de seus professores para o aperfeiçoamento do programa, pois acreditaram no potencial do projeto e aprofundaram os conhecimentos do discente no desenvolvimento do empreendimento. Ao projetar seu futuro profissional, E.7. indica que, se existisse um local para o desenvolvimento de ideias – como as incubadoras –, esse seria uma oportunidade para todos os alunos, sejam aqueles diretamente ligados à pesquisa ou que futuramente possam vir a ser integrados a ela, agreguem conhecimento e, assim, ampliem a corrente empreendedora na cidade.

O entrevistado E.8., também é estudante do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, no IFMS. Ele integra um grupo que montou um projeto tecnológico para fomento e melhoria da atividade turística na cidade (protótipo ainda sem nome). A ideia para o projeto se deve ao fato de o turismo ser uma das possibilidades econômicas da região. A tecnologia é baseada em um aplicativo de georreferenciamento com demonstrações e informações turísticas do local, com fotos, textos e áudio sobre os monumentos, praças e locais que são frequentados pelos turistas que visitam a região. No que tange a rentabilidade desse projeto, E.8. destacou que depende, principalmente, da ação do poder público junto ao setor turístico da cidade, ou seja, uma comunicação com intercâmbio de informações sobre as atividades realizadas com os turistas no local para enriquecimento desse aplicativo. Em um cenário promissor, os acadêmicos pretendem fazer testes junto à Secretaria de Turismo de Corumbá ainda este ano com o objetivo finalizar o programa e operacionaliza-lo até o final de 2016.

A última entrevista, deste segundo grupo, aconteceu com E.9. que também é aluno do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, no IFMS, e faz parte de um projeto de desenvolvimento de sistemas que trabalha em um protótipo de um óculos de realidade virtual, com vasta utilização – uma vez que pode ser programado e desenvolvido de diversas maneiras –, principalmente nos meios de entretenimento, como jogos e atividade educacionais de forma mais inovadora e prática. Ainda sem nome, o protótipo segue o perfil das inovações brasileiras que consiste no desenvolvimento de tecnologias mais baratas e eficientes com base nas já existentes. Para E.9. seu projeto é uma questão de tempo, uma vez que as peças que integram o equipamento logo poderão ser montadas diretamente no Câmpus. E.9. ainda comenta sobre uso do protótipo no treinamento de médicos cirurgiões e de engenheiros da



indústria automobilística, náutica, aeronáutica e espacial, uma vez que os óculos podem gerar diversas imagens e formas em diversos aspectos e ângulos.

Visto os projetos apresentados, denota-se que o quadro de desenvolvimento de ideais ligadas diretamente ao desenvolvimento tecnológico, e sua aplicabilidade nos negócios, estão em alta, o que valida o fomento de uma incubadora tecnológica na cidade para oferecer suporte técnico para essas ideias nascentes. Assim, por meio de uma incubadora, essas ideias poderão crescer e ganhar o mercado consumidor, surgindo uma nova matriz econômica para a região, caracterizada pelas plataformas tecnológicas.

## 5. Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa demonstram que a implantação e o gerenciamento da GC, por meio das incubadoras locais, exigirão um tratamento integral do seu corpo de colaboradores, que deverá estar a par do seu total entendimento e envolvimento para que se possam atingir os objetivos propostos, ou seja, trabalhando em conjunto para o desenvolvimento de novos projetos que possam se tornar realidade para o mercado consumidor. Deste modo, conclui-se, que a GC é o aproveitamento de todo recurso intelectual dos envolvidos para que se construam históricos de experiências e práticas produzindo uma melhor forma de aplicação nos demais projetos a serem desempenhados.

A partir da organização das informações coletadas, verificou-se a importância da GC do capital humano e como as incubadoras tecnológicas são ambientes propícios, além das salas de aulas, para a troca de experiências enriquecedoras que favorecem a educação empreendedora.

Foi identificado que existe material humano na cidade capaz de pensar e propor novas ideias, uma vez que as duas instituições de ensino pesquisadas têm formação superior nos setores tecnológicos, além de uma feira de exposição tecnológica (FEICIPAN) e uma incubadora (ITCPPF) prestes a iniciar seu atendimento. A existência de material humano e de iniciação de projetos científicos torna o desenvolvimento da GC muito mais fácil, pois a interação dos envolvidos fornece a geração de novos conhecimentos que podem ser aplicados de diversas formas. Por consequência disso, fica evidente a importância das instituições de ensino pesquisadas na disseminação e gerenciamento do conhecimento. Entretanto, ainda falta o apoio total do braço público que irá fornecer recursos financeiros e estruturais para dar suporte às incubadoras.

Posteriormente, foi evidenciado que uma GC bem equilibrada e eficiente gera uma sociedade ativa no desenvolvimento de novas empresas, possibilitando o desenvolvimento do empreendedorismo na região. As empresas ligadas à tecnologia e ao desenvolvimento de projetos buscam cidades que tenham uma mão de obra especializada e propostas de ideias e projetos dentro de uma plataforma de incubação. Através desta pesquisa, ficou evidente que está ocorrendo à disseminação do conhecimento por meio do incentivo a iniciação científica e, apresentada para a sociedade, por meio da FEICIPAN. Contudo, o próximo passo para ambas as instituições pesquisadas será implantar a incubadora (ITCPPF) e criar medidas e intervenções para que estes projetos impulsionem o empreendedorismo local.

## 6. Referências Bibliográficas

ALVARENGA NETO, R. C. D. **Gestão do conhecimento em organizações**: proposta de mapeamento conceitual integrativo. 2008. 400 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – PPGCI, Escola de Ciência da Informação da UFMG, Belo Horizonte, 2008.



- ANPROTEC. **Número de incubadoras no país.** Disponível em: <<http://anprotec.org.br/site/menu/incubadoras-e-parques/>>. Acesso em: 8 de maio 2016.
- DAVENPORT, T. H; PRUSAK, L. **Conhecimento Empresarial:** como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- DORNELAS, J. C. **Empreendedorismo:** Incubadoras promovem o empreendedorismo inovador. (2014). Disponível em: <<http://www.josedornelas.com.br/artigos/incubadoras-promovem-o-empreendedorismo-inovador/>>. Acesso em: 27 de abril 2016.
- DRUCKER, P. **Prática da Administração de Empresas.** São Paulo: Pioneira, 1981.
- FERNANDES, C. B. Aprendizagem Organizacional como um processo para alavancar o conhecimento nas organizações. In: ANGELONI, M. T. (Coord.). **Organizações do conhecimento:** infraestrutura, pessoas e tecnologias. São Paulo: Saraiva, 2003.
- FIALA, Nathalia. **As Incubadoras como Ambientes de Aprendizagem do Empreendedorismo.** XXXVI Encontro ANPAD. Disponível em: [http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad\\_2012/ESO/Tema%2006/2012\\_ESO2322.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2012/ESO/Tema%2006/2012_ESO2322.pdf) Acesso em 01 de jul. de 2016.
- FURTADO, M. A. T. **Fugindo do Quintal:** empreendedores e incubadoras de base tecnológica no Brasil. 135 fls. Tese (Doutorado em Administração). FGV. São Paulo: 1995.
- LOPES, Mary A. (et. al.). **Educação Empreendedora:** conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: SEBRAE, 2010.
- NONAKA, I; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- OPPENHEIMER, Andrés. **Basta de Histórias!** A obsessão latino americana com o passado e as 12 chaves para o futuro. Rio de Janeiro-RJ: Objetiva, 2011.
- SANCHEZ, R.; HEENE, A; THOMAS, H. **Towards the Theory and Practice of Competence-Based Competition.** John Wiley, 1997.
- SCHUMPETER. J. A **Teoria Econômica do Desenvolvimento.** Traduzido por R. Opie, Nova York: Oxford University Press, 1945.
- SENGE, P.M. **A Quinta Disciplina:** arte, teoria e pratica da organização da aprendizagem. São Paulo: Best Seller, 1990.
- SOUSA, C. **Gestão do Conhecimento.** Lisboa: Editora RH, 2002.
- TAKAHASHI, Adriana R. W. **Pesquisa Qualitativa em Administração:** fundamentos, métodos e usos no Brasil. São Paulo: Atlas, 2013.
- TERRA, J. C. **Gestão do conhecimento, o grande desafio empresarial:** uma abordagem baseada do aprendizado e na criatividade. São Paulo: Negócio Editora, 2000.